



A autoavaliação docente: Caminhos reflexivos para uma prática transformadora

Vinicius Kapicius Plessim¹

Resumo: O artigo tem como objetivo analisar a importância da autoavaliação docente em seu processo contínuo formativo. Através de 15 fichas localizadas no almoxarifado da Escola Municipal Expedicionário Aquino de Araújo, instituição localizada em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, tornou possível compreender os discursos produzidos pelos professores por meio de suas ações revisitadas. A produção de sentidos e significados através dos questionamentos docentes sobre a sua conduta na escola, nos levou ao entrecruzamento das vozes destes educadores, que buscaram a interrogar a si próprios na compreensão da sua dimensão educadora. Michel Foucault (2014) a partir do referencial teórico *discursos*, nos ajudam a compreender o lugar de fala do professor no seu campo profissional. Através de Pierre Bourdieu (2011, 2015) entendemos a escola enquanto um campo social marcado por distintas (re)leituras produzidas por seus agentes, que ocupam posições específicas. Certeau (2013) os auxilia a compreender o conceito de cotidiano e sua aplicabilidade no contexto escolar, enquanto um lugar emanado de tensões conflitantes entre seus sujeitos que produzem estratégias necessárias para a condução de seu ofício.

Palavras – chave: autoavaliação; discursos; Processo contínuo formativo.

Teacher self-assessment: Reflective paths for a transformative practice

Abstract: The article aims to analyze the importance of teacher self-assessment in their continuous training process. Through 15 files located in the warehouse of the Expedicionário Aquino de Araújo Municipal School, an institution located in Duque de Caxias, in the Baixada Fluminense, it became possible to understand the discourses produced by the teachers through their revisited actions. The production of meanings and meanings through the teachers' questioning about their behavior at school, led us to the intersection of the voices of these educators, who sought to question themselves in the understanding of their educational dimension. Michel Foucault (2014) from the theoretical framework of discourses, help us to understand the place of the teacher's speech in his professional field. Through Pierre Bourdieu (2011, 2015) we understand the school as a social field marked by different (re)readings produced by its agents, who occupy specific positions. Certeau (2013) helps them to understand the concept of everyday life and its applicability in the school context, as a place emanating from conflicting tensions between its subjects that produce necessary strategies for the conduct of their craft.

Keywords: self-assessment, discourses, Continuous formative process.

¹ Doutorando em educação pela Universidade do São Paulo (FEUSP). Mestre em educação, cultura e comunicação em periferias urbanas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro / Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (UERJ/FEBF)

**Introdução**

Pode o professor refletir sobre a sua prática no exercício do seu ofício? Qual a importância da autoavaliação por parte do magistério ao analisar suas ações dentro do seu campo profissional? A autoavaliação docente pode produzir novos horizontes para o educador, quando este questiona interferências em seu espaço? A partir destas indagações, o artigo tem como objetivo analisar a importância da autoavaliação docente enquanto caminho capaz de suscitar mudanças nas práticas pedagógicas dos educadores.

Através das fichas de autoavaliações dos professores da Escola Municipal Expedicionário Aquino de Araújo (Escola essa localizada no Primeiro Distrito de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense), que eram empregadas pelo Serviço de Orientação Educacional (SOE) nas reuniões pedagógicas, procuramos compreender as reflexões por parte deste magistério na condução de sua prática.

Este estudo tenciona suscitar novas premissas para o campo educacional a partir da importância que a autoavaliação assume para o papel do professor. Ao refletir sobre suas ações, abre novos horizontes da condução de sua prática no interior de seu campo profissional. Acreditamos no papel da capacidade reflexiva que esta ação desenvolve sobre os educadores, que muito além de estarem num serviço isolado e estanque, influenciam diretamente na capacidade formativa de seus alunos no cotidiano de suas escolas.

As vozes do magistério representam para ALVES (2008, p. 133) a produção de sentidos e significados sobre a sua própria prática. Esta descortina horizontes ainda inexplorados no campo educacional, mas que suscita posições assumidas pelos educadores em seu espaço de trabalho. Estas reflexões nos transmitem conhecimentos de sua realidade, da sua condição humana e da necessidade de dar voz a tudo aquilo que se opera em seu cotidiano, ou seja, as suas práticas escolares.

No almoxarifado da instituição, foram localizadas 15 fichas de autoavaliações docentes, que nos encontros promovidos pelo Serviço de Orientação Educacional, eram destinados tempo para se analisar suas condutas e ações desenvolvidas ao longo do ano letivo. Um convite desafiador, uma vez



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO que, competia a este educador transparência e responsabilidade social no preenchimento destes documentos, que ao analisar o seu perfil profissional se entrecruzava com outras formas reflexivas produzidas por outros agentes que ocupam posições hierárquicas diferentes nesta realidade social.

As narrativas produzidas por estes professores em suas autoavaliações, adentram a necessidade da compreensão de seus discursos. Michel Foucault (2014, p. 7) acredita que a produção destes e de seu lugar de fala, abarca as instituições que exercem diferentes formas de controle e coerção social sobre os indivíduos, bem como estas vozes entoadas neste meio abrangem sujeitos sociais e históricos, que assumem posições diferenciadas em seu campo.

Por questões éticas manteremos o anonimato destes professores, cujos nomes originais foram mantidos no extremo sigilo e rigor acadêmico, com o intuito de preservação de suas imagens. Estes nomes foram substituídos por outros “genéricos” no cumprimento e respaldo do exercício legal da produção científica.

O artigo se estrutura em duas seções, a primeira denominada *Os sentidos e significados das fichas de autoavaliação: Os Caminhos iniciais*, procuramos apresentar a importância deste documento em seu escopo para o campo educacional brasileiro. Para além, de um caráter meramente descritivo, procuramos compreender os diferentes discursos que assumem nesta fonte documental, suas intencionalidades, os agentes envolvidos e os resultados esperados. Na última seção denominada: *As escolhas da jurisprudência professoral: A identificação do habitus professoral*, trazemos as vozes deste magistério, estas se transcrevem em suas respostas justificadas nas fichas de autoavaliação. Como estes professores produziram categorias classificatórias a partir da reflexão de sua própria prática? Premissa suscitada, que nos levou a compreensão do perfil identitário docente da escola por meio de suas ações e condutas desenvolvidas.

Esperamos que o leitor possa desfrutar nestas seções da importância que a autoavaliação assume para o campo educacional para o grupo profissional. Acreditamos que esta vai além de um caráter individual, mas adentra a sua realidade por meio de diferentes leituras realizadas por estes sujeitos, logo, a



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO
atitude autoavaliativa proporciona resultados diretos para o grupo dentro do seu espaço de atuação.

Este estudo, por último, se justifica ainda em despertar no grupo profissional docente de outras instituições, entusiasmo para buscar refletir sobre suas práticas na escola, revê suas metodologias didáticas em sala de aula e buscar encontrar sempre em seu cotidiano, mecanismos capazes de tornarem a educação uma prática libertadora, e mais ainda transformadora dos diferentes sujeitos que formam a escola.

Os sentidos e significados das fichas de autoavaliação: Os Caminhos iniciais

A seção tem como objetivo expor a documentação analisada como forma de revelar seus sentidos, significados e propósitos enquanto ação que busca levar ao educador à uma reflexão crítica quanto a sua prática dentro do seu campo social. A escola, compreendida, enquanto realidade social, é marcada por diferentes leituras que este magistério realiza sobre a sua própria prática, cujas ações não são neutras, mas marcadas por diferentes caminhos interpretativos por outros agentes que constituem este espaço.

As 15 fichas analisadas neste artigo eram apresentadas de forma uniforme aos educadores. Continha o nome da instituição enquanto parâmetro diferenciador, até para demonstrar que a atitude produzida pelo Serviço de Orientação Educacional daquela instituição era diferenciada quando comparado a outras. Embaixo do nome escolar, estava o grupo que desenvolvia este trabalho de autoavaliação sobre a categoria profissional docente, como forma identificadora do seu perfil no qual atuava de forma conjunta sobre o trabalho do professor.

Abaixo dos registros iniciais estava a seguinte frase: **“Autoavaliação quanto ao trabalho que desenvolvi”**, para além de representar um discurso neutro esta expressão ao utilizar a primeira pessoa do singular, nos revela o caráter particular / pessoal que assume esta documentação. Outra produzida e apresentada pelo grupo de Supervisão Educacional, a partir deste âmbito a mesma é endereçada única e exclusivamente ao professor, que agora se



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO compromete em estabelecer a sua jurisprudência sobre a prática, entender seus sentidos, significados e rever suas posturas dentro do seu campo de trabalho.

A escola assume a sua posição enquanto o lugar das trocas subjetivas e objetivas estruturadas neste meio, que são capazes de nortear as condutas dos indivíduos. Elizeu Clementino de Souza (2008) nos salienta ainda, que neste processo de reflexão constante por parte do professor, a instituição de ensino se torna o espaço dos afetos e desafetos, dos sentimentos externados nas diferentes relações construídas e assumidas neste campo social:

A centralidade do sujeito no processo de investigação – formação, sublinha a importância da abordagem compreensiva e das apropriações da experiência vividas, das relações entre subjetividade e narrativa como princípios que concedem ao sujeito o papel de ator e autor de sua própria história (SOUZA, 2008, p. 90).

Para Pierre Bourdieu (2011, p. 15), o campo social representa uma realidade social demarcada por um conjunto de estruturações evidenciadas neste espaço. A escola adentra este meio, pois os seus indivíduos ocupam posições específicas, constroem relações neste cotidiano e formam hierarquias elementares neste espaço, para que possam perpetuar suas ações e reproduzir suas condutas socialmente.

Após o “cabecalho” informal apresentado nas fichas, como forma de chamar a atenção dos professores, existia um convite inicial, como um exercício informal, mas que seria crucial para que este pudesse analisar sua ação em seu campo profissional. A expressão “**Assinale e justifique**” é um convite participativo ao professor que deveria escolher uma dentre as quatro imagens que refletiam sobre as suas posturas dentro da escola e explicar o porquê desta escolha, através de sua percepção avaliativa.

Como sequência inicial competia ao professor através da ficha de autoavaliação escolher um dos quatro bonecos desenhados naquela documentação. O primeiro representava um professor de pé sob uma cadeira que aplaudia seus gestos e ações produzidos ao longo do ano, o segundo era um educador já sentado sobre a cadeira, mas ainda assim mantendo a atitude de aplaudir sua conduta avaliativa, na terceira imagem percebemos a ruptura da prática do professor, este se encontra numa posição paralisada sobre a sua



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO
cadeira, sem a garantia dos aplausos necessários pelas ações efetivadas sobre o meio, por último, um educador prostrado sobre a cadeira, que em posição de desânimo e desestímulo não se sentiu motivado pelo ano escolar, marcado por profundas tensões.

No documento além dos desenhos, no qual competia a escolha do professor, eram registradas quatro linhas para que o educador justificasse as suas alternativas, através das situações vivenciadas / experimentadas na escola. Este professor é obrigado a registrar suas reflexões e as jurisprudências produzidas por seu trabalho, enquanto garantia legitimadora de sua autoavaliação.

Por último, o documento expressa na frase: **“Avaliar é preciso sempre”**, uma necessidade da revisão das ações do magistério sobre a sua carreira, bem como realça a importância da prática avaliadora, essa se faz necessária num cotidiano marcado por estratégias, conflitos e tensões constantes entre os diferentes agentes sociais. A categoria profissional docente não desenvolve o seu perfil identitário a partir de ações isoladas, estas em seu espaço de atuação demarcam uma série de sentidos e significados para outros sujeitos que realizam diferentes leituras no atual contexto educacional.

Conforme defendeu Michel de Certeau (2013), o cotidiano se configura como tudo aquilo que aprisiona o indivíduo através de sua subjetividade e o seu sentimento de pertencimento a este lugar. Este espaço se configura para além dum campo físico, mas abarca as relações simbólicas promovidas pelo campo social, constrói estratégias, demarca fronteiras, assume posições e tensões constantes:

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilhar), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo (CERTEAU, 2013, p.31).

De acordo com SOUZA (2008, p. 90), o processo de autoavaliação do trabalho docente está vinculado diretamente na busca do conhecimento sobre a si próprio pelo educador, bem como as profundas interações que este constrói com seu campo social ao longo de suas experiências somatizadas no cotidiano.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO

A formação docente é um processo contínuo, bem como as aprendizagens, que são construídas dentro do próprio cotidiano de trabalho. O professor, assume ser um agente de mudanças dentro do seu meio, cujo conhecimento é uma prática dialógica com outros diferentes agentes.

As escolhas da jurisprudência professoral: A identificação do habitus professoral

A seção tem como objetivo analisar os diferentes discursos produzidos pelos professores através das fichas de autoavaliação. Lugar de fala, reproduzida por meio das escritas, as vozes deste magistério, outrora silenciadas, assumem suas posições, apreciações e classificações categorizadas de sua realidade profissional.

A primeira ficha analisada representa a escolha de uma professora pelo “boneco sentado atônito”, sua justificativa está centrada no seu pouco tempo na escola, no exercício de seu magistério. Através de seu discurso, percebemos que a professora é nova na rede municipal de Duque de Caxias, cuja realidade social escolar ainda lhe causa estranheza na condução de seu ofício: “Tudo é muito novo para mim, por isso as vezes sinto que não consigo desenvolver tudo o que eu gostaria” (Cíntia).

Na fala desta professora percebemos que ela se responsabiliza pelo insucesso obtido na condução de sua disciplina e na garantia da ordem, contudo a culpabilização não transcorre de forma solitária, mas adentra as paredes da sala de aula, ao responsabilizar também a clientela pelos motivos de seu fracasso: “A falta de interesse dos alunos, também me causa bastante dificuldades” (Cintia).

As fichas de autoavaliação nos revelam um professor que se sente desestimulado em seu trabalho, não por este ser uma realidade nova no seu cotidiano, mas um espaço de tensões, conflitos e negociações constantes com seus alunos. O desinteresse da clientela é traduzido pela indisciplina e o não cumprimento das atividades solicitadas pela professora, o que incide diretamente sobre a sua nota.

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**

De forma similar, na segunda ficha o professor escolhe o boneco sentado parado, estanque diante de um serviço que possui uma capacidade transformadora na formação de seus alunos. Este docente nos revela uma preocupação externa que impactou sobre suas atividades escolares, ou seja, a conclusão de seu mestrado acadêmico: “Lamentavelmente fui obrigado a concentrar minhas atenções no término de minha dissertação de mestrado. Agora, poderei realmente me dedicar como devo as turmas e ao processo educacional” (Lucas).

A falta de comprometimento e a assiduidade ao longo do ano letivo se fizeram presentes nas falas do professor. A correria da vida acadêmica se embriçou com as atividades profissionais na escola, o que comprometeu a qualidade de seu serviço na formação do aluno.

As fichas autoavaliavas nos descortinam um magistério que assume uma posição de rever sua didática ensinada, como forma de garantia de um ensino mais qualificado para a clientela que o busca. A revisão de suas metodologias de ensino nos traz à tona um educador que sente a necessidade de mudanças de suas ações, posturas e hábitos neste espaço, para que além de não comprometer o aprendizado de seu aluno, não se recaia numa prática meramente rotineira: “Foi bom o trabalho, porém os resultados obtidos a partir das avaliações dos conteúdos ministrados não alcançaram os meus objetivos. Pretende rever os meus métodos” (Luciana).

Para FRANCO (2012) as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores produzem sentidos e moldam os comportamentos dos agentes constitutivos do espaço escolar. Estas para além de seu caráter inicialmente singular, procuram abraçar a totalidade dos sujeitos que a envolvem e por conta deste fato, operam de forma dinâmica neste meio. De acordo com a autora, existe sempre a intenção de se transmitir uma mensagem por meio das suas ações aos alunos, mas que muitas das vezes, a revisão destes atos se faz necessário para atender a demanda da clientela:

Nesta perspectiva é que as práticas pedagógicas enfrentam, em sua construção, um dilema essencial: sua representatividade e seu valor advêm de pactos sociais, de negociações e deliberações com um coletivo. Isto é,



elas se organizam e se desenvolvem por adesão, por negociação ou ainda por imposição (FRANCO, 2012, p. 154).

Um professor desestimulado pelas ações de seus alunos, classificadas como desordeiras neste espaço. Na jurisprudência professoral, o aluno é colocado na posição de culpado, responsabilizado pelo seu fracasso e desânimo, ou seja, uma vítima necessária para justificar os seus insucessos transcorridos na sua prática: “Muitos feriados e muitos alunos faltosos, outros que não entregaram trabalhos e outros que faltaram nos dias de avaliação. Tudo isto me desestimulou bastante” (Pedro).

A necessidade da revisão dos métodos incorporados em sala de aula, bem como as diferentes formas de se avaliar a clientela se engajam neste cotidiano, através de um ofício dinâmico e desafiador, logo, a profissão docente eleva a necessidade da reflexão do próprio educador sobre a sua prática: “Os objetivos foram alcançados e não houve grandes problemas neste 1º Bimestre, porém sempre consideramos que poderia ter sido melhor. Procurarei me esforçar” (Beatriz).

O grande contingente de alunos dispostos em sala de aula estivera nas reflexões das fichas autoavaliavas. Este espaço serviu de denúncia da precarização do trabalho docente associado a falta de infraestrutura e a qualidade digna para poder exercer o seu ofício de forma mais qualificada. Ainda assim, o aluno é representado enquanto um corpo que ocupa um espaço através de ações indisciplinadas, não aceitam as regras escolares e procuram atentar a esta ordem, como garantia legitimadora de seus atos: “Bom não houve oportunidade de fazer melhor, por causa do grande número de alunos em cada turma. A conversa, a agitação e o desinteresse dos alunos inviabilizam o processo educativa” (Luan).

A transparência do educador quanto ao exercício de seu trabalho é imediata conforme as palavras de Douglas: “Poderemos melhorar” (Douglas). Ao ajustar esta expressão na ficha avaliativa no plural, percebemos que ele chama a responsabilidade de todo corpo docente para que a qualidade do ensino e da aprendizagem transmitida a clientela da escola pode ser melhor, e que ele não se encontra numa posição isolada em meio aos insucessos neste espaço.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO

Se de um lado as fichas de autoavaliação nos revelam um magistério que chamam a necessidade do comprometimento de todos para com a causa educacional na escola, ela também nos transmite um perfil de um educador capaz de suscitar / apesentar suas virtudes / qualidades através deste lugar de fala: “Bonequinho aplaudindo o resultado. Ainda não faltei, não tenho atrasado, material em dia, conseguindo atingir parcialmente os objetivos” (Thiago).

A expiação nos discursos desenvolvidos pelos professores se fazia necessária recair sobre um grupo social. De forma específica, o aluno em posição indefesa, por não se encontrar ali para poder emitir o seu poder de fala aos julgamentos professorais é colocada enquanto lócus central na precarização do ensino, por estimular a indisciplina e a desordem:

Por vários motivos como: desinteresse dos alunos, falta de conteúdo, feriados, etc. Não consegui atingir todos os objetivos propostos (Lucas).
É necessário ainda, fazer muito com essas turmas para chegar ao primeiro quadro. Sinto-me com muitas expectativas a serem atingidas (Débora).

Trabalho docente, exercício prático com a teorização do ensino. O professor necessita criar uma série de mecanismos / estratégias que possibilitam auxiliar a sua prática, na premissa de uma qualidade melhor de ensino. Existe nos discursos destes professores, a sua busca por formar uma clientela mais estimulada de se estar nesta escola, mesmo carente de infraestrutura, o que impacta diretamente sobre o cotidiano: “Executei um bom trabalho com atividades lúdicas, diferentes e bem recreativas. As turmas que souberam aproveitar tiveram boas notas e gostaram bastante das aulas” (Carmen).

Neste sentido, as práticas pedagógicas revisitadas se configuram enquanto estratégias assumidas pelo corpo docente, enquanto aparato necessário na condução de sua matéria e na aprendizagem do aluno (FRANCO, 2012, p. 156). A criação de estímulo ao aluno para que frequente os bancos escolares, perpassa a figura do educador, cuja sala de aula se transforma num espaço de negociações imediatas para o exercício de suas atribuições.

Magistério observador, que exerce uma prática de escuta, enquanto garantia de estabelecer regras e criar condições para as suas práticas pedagógicas. O cotidiano é sempre demarcado por este jogo, enquanto garantia



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO de negociações que permitem o enquadramento dos sujeitos neste campo social: “Estou observando as turmas, para escolher a maneira de trabalhar” (Suellen).

A narrativa construída pelos professores em sua autoavaliação quanto as suas práticas pedagógicas, levam estes indivíduos a se tornarem o centro de suas próprias reflexões. De acordo com Elizeu Clementino de Souza (2008, p. 92), o professor descortina um cotidiano marcado por experiências e aprendizagens que perpassam um campo individual e adentram a esfera coletiva da categoria professoral.

As fichas são um convite para a reflexão das ações docentes, no intuito de reverem seu habitus professoral na busca do “melhor professor” para seus inúmeros alunos. Uma clientela marcada por diferentes origens sociais se entrecruza com um magistério que assume diferentes posições e hierarquias sobre o seu campo social de trabalho. A revisão da didática é um alerta para este professor, neste espaço que exige um ofício marcado por mudanças / transformações sociais daqueles que transmitem o conteúdo (mestre) e daqueles que recebem esta formação (discípulo): “Considerarei meu desempenho satisfatório, mas diante do resultado das turmas (regular – ruim), devo reavaliar o ser professora atualmente” (Paula).

O conceito de habitus aqui apresentado, é compreendido por meio de Pierre Bourdieu (2012, p. 42) em que se constitui enquanto um “senso prático” que permite a identificação de um grupo social por meio de suas características peculiares no seu. Os perfis identitários assumidos pela categoria docente, permitem o seu reconhecimento no espaço de trabalho, o que os diferencia de outros grupos profissionais.

A transferência da culpabilidade pelo fracasso na / da escola se fez presentes nas falas dos professores ao longo das fichas. Ao transmitirem esta responsabilização para outros grupos que formam à escola, percebemos um professor também partícipe deste sistema de ensino fadado ao insucesso, cujas condições de trabalho são incipientes: “Acredito que fiz o possível, mas não o suficiente. Culpa não somente minha. Faltam melhores condições de trabalho. O número excessivo de alunos em aula dificulta o trabalho” (Joyce).



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO

GUALTIERI e LUGLI (2012, p. 12), ao analisarem a construção social e histórica do fracasso escolar, assumem a necessidade da compreensão do fato destes alunos não aceitarem as regras do funcionamento escolar, o que faz destes indivíduos indesejáveis neste espaço, cuja exclusão começa no interior do estabelecimento de ensino. A inadequação do aluno em seu processo de escolarização assume a condição do fracasso na escola, contudo essa etapa também representa o fracasso da escola, uma vez que, a instituição não criou condições suficientes, de atender as necessidades de seus alunos.

Na fala acima da professora, percebemos um magistério que reconhece adota medidas equivocadas na condução de seu ofício pedagógico, contudo, este não é o único fator que representa os elevados índices de repetência e evasão escolar. Ao falarmos de fracasso na escola, se exige ainda a necessidade de assumir o fracasso da escola, enquanto instituição dominante, que legitima as desigualdades e as conservações sociais por meio de seus discursos e de suas práticas.

A apresentação de uma ideia de liberdade através da prática docente, apenas abrange a construção de uma escola conservadora. Conforme defendeu Pierre Bourdieu (2017, p. 45) a instituição de ensino dominante cria um repertório de exclusão aos seus indivíduos que não se enquadram no seu perfil, até porque estes jamais reproduzirão os seus discursos oficiais para a sociedade, por não terem se ajustado neste campo.

O professor também participa deste discurso, que procura uniformizar / homogeneizar as diferenças como forma de mascarar as desigualdades socioeconômicas existentes neste espaço, abraçado por uma clientela que possui distintas origens sociais quando comparada à outras. Neste último caso analisado, percebemos com clareza, a importância das fichas de autoavaliação para o trabalho docente, este se vê numa necessidade inerente de avaliar a constituição social, histórica e cultural de sua carreira.

Considerações finais

O artigo procurou apresentar a importância das fichas de autoavaliação enquanto componente reflexivo da carreira docente. Esta experiência permitiu



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO revisões das ações estruturadas pelo magistério em seu campo profissional. Através das transcrições das fichas autoavaliativas, percebemos um magistério que assume diretamente que seu serviço necessita de uma revisão e que suas metodologias avaliativas precisam se ajustar ao perfil da clientela escolar.

O estudo permitiu compreender a importância de buscar alternativas na intenção de “driblar” os obstáculos ocorridos durante o ano letivo. Ao assumir em caráter particular que suas ações e comportamentos precisam ser enquadrados conforme a realidade social escolar, o professor também enquanto estratégia transmite a responsabilização para o fracasso escolar para outras instâncias: seja a carência de infraestrutura que impede as condições dignas de se trabalhar e desenvolver seu trabalho, ou ainda para a própria clientela, que não se ajusta neste meio e reproduz através de seu corpo a linguagem da indisciplina e do desestímulo na escola.

Se as fichas de autoavaliação representavam um esforço de instigar que o grupo profissional procurassem sempre se avaliar em busca de melhorar os rendimentos, o ensino e a aprendizagem de seus alunos, bem como a sua qualidade de trabalho, estas nos levou a perceber um magistério marcado pelo desânimo e pelo desestímulo na condução de sua carreira, uma vez que, as precárias condições no interior do seu ambiente de trabalho, impedem a realização de um ofício que procure suscitar mudanças / transformações sociais em seus alunos pela educação.

Este espaço que inicialmente é marcado pela reflexão pessoal do grupo profissional, ao longo de suas reflexões e questionamentos quanto a sua condição de trabalho, se entrecruzou com outros discursos pelos caminhos. Escola, lugar das trocas objetivas, mas também espaço das relações simbólicas e subjetivas, cujas sentimentos são externados pelo corpo deste magistério que aponta a necessidades de mudanças para a melhoria da condução de seu serviço.

Para além de um estudo meramente descritivo, apresentamos uma categoria profissional que instiga outros professores a também refletir sobre o seu trabalho e os seus agentes formativos. A autoavaliação é um exercício constante que se procura gerar mudanças nas ações dos seus indivíduos na



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO busca de construção de redes e pontes necessárias para que o seu serviço prestado possa ser mais qualificado frente as estruturas do seu campo educacional.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Nilda. Nós somos o que contamos: a narrativa de si como prática de formação. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papyrus, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. A escola da conservação social. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- BOURDIEU, Pierre; MARTIN, Monique de Saint. As categorias do juízo professoral. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- Certeau, Michel. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Cóllege de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pedagogia e prática docente**. São Paulo: Cortez, 2012.
- GUALTIERI, Regina C. Ellero; LUGLI, Rosário Genta. **A escola e o fracasso escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.
- MENEZES, Jaci Maria Ferraz. Memórias e registros da escola e da não escola. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.
- PACHECO, Dirceu Castilho. Por outras narrativas das escolas e de seus sujeitos – praticantes: possibilidades dos / nos registros cotidianos. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.
- PASSEGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre. A (re)invenção de si na formação docente. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.
- SOUZA, Elizeu Clementino de. História de vida, escrita de si e abordagem experiencial. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.